

## Algumas considerações sobre a castração<sup>1</sup>

Lenilda Estanislau Soares de Almeida<sup>2</sup>

### Resumo

*Este artigo tem como objetivo tecer alguns comentários sobre o complexo de castração, tendo a ameaça ou a angústia de castração como partes integrantes deste. Trata-se de um complexo de representações pré-conscientes e inconscientes, e afetos conscientes e inconscientes ligados entre si. Veremos a importância da sexualidade infantil na obra de Freud, onde ele diz, em Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905): não só os desvios da vida sexual normal como também sua forma normal são determinados pelas manifestações infantis de sexualidade.*

Quando falamos sobre castração, em psicanálise, associamos à lei, às normas, à angústia, e nos reportamos aos nossos estudos sobre os casos clínicos de Freud.

Vimos que a análise do pequeno Hans (Freud, 1909) foi determinante na descoberta do complexo de castração, e é em 1908 que ele é descrito pela primeira vez. Essa "teoria sexual infantil", que atribui um pênis a todos os seres humanos, explicará a diferença anatômica dos sexos através da castração (ter ou não ter falo, fático-castrado). Porém, para Freud, o complexo de castração revela-se em primeiro lugar através de formações imaginárias. É no capítulo "A Interpretação dos Sonhos" (1899-1900) que ele trata da questão. Sabemos que a retirada da censura favorece, no trabalho do sonho, a figuração simbólica da castração (por exemplo: sonhos de corte de cabelo, queda dos dentes, decapitação, perdas, etc.). Esta figuração simbólica pode ser representada tanto por uma falta quanto, ao contrário, por insistência em marcar o elemento fático (sonhos de dominação, poderes, multiplicação do pênis, etc.).

Por meio do estudo do complexo de castração, pode-se seguir a trajetória intelectual de Freud. Sabe-se que a fonte de suas descobertas provém do tratamento de pacientes adultos (1893 a 1900). Posteriormente ela se deslocará para o estudo das formações do inconsciente dos adultos normais, como os sonhos e a psicopatologia da vida cotidiana

(1899-1900 a 1901). A partir de 1905, com o estudo da infância (normal e depois patológica), são encontradas novas descobertas. A ameaça de castração é associada com a masturbação infantil do Pequeno Hans, mas só se tornará temida a *posteriori*. Segundo Green (1991): "*É a conjunção da percepção do sexo da menina ou da mãe e a ameaça da castração que suscitam a angústia. Ameaça proferida pela mãe, mas cuja execução retorna ao homem, o pai, na maioria dos casos*" (p. 35).

Essa angústia suscitada pela ameaça de castração é uma angústia que deve ser situada entre muitas outras: angústia de fragmentação, de separação, angústia de perda do amor da mãe.

Lei de castração. O termo lei remete à castração como castigo, como punição infligida ao sujeito. O sentido dessa lei é de um imperativo hipotético: "*Se não te submeteres a tal linha de conduta, serás castrado*". "*Não só és punido, mas és punido exatamente por onde pecaste*". (Laplanche, 1988, p. 04). Essa lei é ditada pelo complexo de Édipo: não dormirás com tua mãe, não matarás teu pai.

*A ameaça de castração é como a força que dá vigor ao complexo de Édipo, sua polícia, sua justiça, seu carrasco: se dormires com tua mãe – tanto faz, aliás,*

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na V Jornada de Psicanálise do GPAL, em outubro/2005.

<sup>2</sup> Psicóloga Clínica (FAFIRE) e Psicanalista do GPAL.

## Algumas considerações sobre a castração

*que o faças ou que desejes – serás castrado.* (Laplanche, 1988, p. 04)

No complexo de Édipo, existe um equilíbrio, não existe apenas um lado negativo. Não pensemos que é somente o imperativo: não dormirás com tua mãe, que serás castrado. Seria também encorajador. Laplanche (1988) cita que

*Se queres desfrutar das mulheres, deves, primeiramente, renunciar à tua mãe; se queres ser sexualmente potente, deves ser castrado em relação à tua mãe.* (p. 05).

A questão que nos parece primordial e que está no centro do tema da castração é a da diferença dos sexos. Freud admite que existiria uma espécie de reconhecimento "pré-castrativo" ou "pré-edipiano" de uma distinção entre homem e mulher, entre pai e mãe.

*A distinção pai/mãe não despertaria o desejo de saber, e o incitamento só chegará no momento em que se acrescenta um elemento pulsional, precisamente, o ciúme em relação a uma outra criança. E o problema 'número um', aquele a que as crianças procuram responder por meio de suas "teorias sexuais infantis", seria: de onde vêm as crianças?* (Laplanche, 1988, p. 26).

No artigo "Sobre as teorias sexuais", Freud faz sua primeira descrição teórica do conflito infantil, do conflito "edipiano", no sentido de que estabelece o confronto entre a criança e os pais. Esse conflito 'nuclear' centra-se na noção de **saber**.

*O conflito psíquico seria, no início, um conflito em torno do saber e em torno da recusa parental em proporcionar esse saber. Quando a criança pergunta: "de onde vêm as crianças?", é uma questão mais realista, mais suscetível de uma resposta objetiva do que a pergunta: de onde*

*vem a diferença dos sexos? A criança tem mais elementos de resposta para a pergunta sobre 'De onde vem as crianças?', pelas suas observações sobre a gravidez e tudo o que acompanha um parto.* (Freud, apud Laplanche, 1988, p.27).

O que acontece é que a criança obtém uma resposta sob a forma não de "teorias sexuais", mas de fábulas apresentadas pelos adultos como se fossem uma resposta científica, objetiva. (Exemplo: a história da cegonha que traz os bebês).

Por conta desse primeiro conflito psíquico, tem origem uma clivagem psíquica fundamental: é a grande clivagem do indivíduo em inconsciente, por um lado; e pré-consciente – consciente, por outro. Em resumo, o domínio reservado dos adultos é o que garante o domínio reservado das crianças. Essa clivagem no próprio sujeito fará com que a criança se reserve uma fantasmalização dos fatos, na posse de um domínio secreto que é o domínio de suas próprias concepções sobre a sexualidade. As crianças criam suas teorias sexuais.

Freud desenvolve essas teorias individuais infantis, principalmente três delas: primeiramente, a fantasia de que todos os seres humanos têm um pênis; em seguida, a teoria do nascimento "cloacal"; por fim, a concepção "sádica" do coito. Em todas as três teorias insere-se a teoria da castração. A teoria cloacal significa pela via intestinal, excrementos. A perda das fezes é assimilada simbolicamente à perda da criança durante o parto, mas também, à possibilidade da perda do pênis na castração. A teoria da concepção sádica do coito suscita o problema das violências ligadas ao coito, da cena primária que implica uma violência que conduz à castração da mulher.

*Principalmente depois da análise do Homem dos Lobos, a castração é associada à cena primária, que é sempre uma cena more ferradum (ao modo dos animais selvagens), evocadora de coito anal.* (Green, 1991, p. 40).

Mas, é a primeira teoria que evoca mais diretamente a questão da castração. Os dois gêneros são admitidos, contudo, sua distinção não passa pela diferença sexuada. A criança considera que em todos os seres humanos, têm um pênis. Outra observação nessa teoria é a valorização narcísica do pênis, que faz a criança se sentir coagida a admitir que um ser humano possa ser desprovido de pênis – castrado. Diz Freud que a distinção entre masculino e feminino só ocorre na puberdade. E ela é dificilmente delimitável e definível, é feita de elementos biológicos e de todo um contexto sociológico.

Gostaríamos de ilustrar essa teoria dos gêneros quanto à posse do pênis com alguns diálogos do pequeno Hans. *“Ele começa a explorar o mundo ao seu redor e a indagar quanto à posse do ‘faz-pipi’. ‘Ei-lo diante da jaula de um leão, e grita alegre e excitado: eu vi o faz-pipi do leão.’”* (Freud, apud Laplanche, 1988, p. 30).

Ainda de acordo com Laplanche (1988), Freud assinala a importância dos animais (tanto no mito, na lenda, nas histórias ou nos contos, quanto no sintoma – e sobretudo nos sintomas fóbicos, como aquele de que vai sofrer o pequeno Hans), na medida em que eles se oferecem, de um modo inteiramente predominante, a essa investigação da criança. Hans interroga-se em seguida a respeito dos objetos inanimados, e eis como a pergunta e a resposta se formulam:

*Aos 3 anos e 9 meses, ele vê, na estação, uma locomotiva soltar água. ‘Olha, diz ele, a locomotiva faz pipi. Onde é que está o faz-pipi dela?’ [E eis como ele resolve a questão:] Após um momento, ele acrescenta em tom pensativo: ‘Um cachorro e um cavalo têm faz-pipi; uma mesa e uma cadeira não têm’. Assim, ele está de posse de uma característica essencial para diferenciar o vivo do inanimado.’ [Quanto aos seres humanos, precisamente, ele se recusa a lhes aplicar essa diferença.] Eis a seqüência do diálogo:*

*‘A sede de conhecimento parece inseparável da curiosidade sexual. A curiosidade de Hans dirige-se particularmente para seus pais.*

*HANS (aos 3 anos e nove meses): – Papai, você tem um faz-pipi?*

*O PAI: – Claro que sim, naturalmente.*

*HANS: – Mas eu nunca o vi, quando se despe.*

*Numa outra ocasião, ele observava, com toda a sua atenção concentrada, sua mãe que se despe antes de deitar. Ela lhe pergunta:*

*– O que você está olhando assim?*

*HANS: – Só estou vendo se você também tem um faz-pipi.*

*A MÃE: – Claro, você não sabia?*

*HANS: – Não, eu achava que, como você é tão grande, você devia ter um faz-pipi como um cavalo.’* (Freud, apud Laplanche, 1988, p.30).

Vê-se que, nesse momento da investigação, a percepção da nudez feminina, da mãe ou da irmãzinha, não leva à afirmação de uma ausência do pênis. E eis como o texto sobre as “teorias sexuais infantis” vem teorizar essa fase:

*Quando o menino vê as partes genitais de uma irmãzinha, seus comentários mostram que seu preconceito já é bastante forte pra contrariar a percepção; em vez de constatar a falta do membro, ele diz regularmente, à maneira de consolação e de conciliação: é que o ‘faz-pipi’ ainda é pequeno; mas quando ela for maior, ele crescerá bastante.* (Freud, apud Laplanche, 1988, p. 31).

Em conclusão, no que se refere a essa época (1905-1908), vemos que a castração impõe-se, então, a Freud, como uma teoria – fantasística –, mas uma teoria no verdadeiro sentido do termo, ou seja, o que permite um certo ordenamento dos fatos.

## Algumas considerações sobre a castração

Segundo Laplanche (1988), podemos resumir essa teoria em quatro pontos:

– O primeiro, a distinção dos gêneros, admitida desde que a criança ingressou no mundo adulto, desde em que ela teve acesso a um universo simbólico, converte-se em diferença de sexos;

– O segundo ponto é que essa diferença dos sexos especifica-se pela presença/ausência do pênis;

– O terceiro ponto seria que essa diferença explica-se por uma ação de amputação, uma castração operada por um terceiro (a lei);

– E o último ponto: nos casos favoráveis, essa possibilidade de amputação abre caminho para um processo de restituição, quando não, para uma promessa de troca. Nos casos desfavoráveis, o indivíduo poderia se fixar em imagos pregnantes, quase indestrutíveis no inconsciente: imago da mulher com pênis, imago do ferimento, da mutilação suscitada pela visão do sexo feminino.

Somente em 1924, a universalidade do complexo de castração foi afirmada. Essa universalidade fundamentou-se na descoberta de uma fase libidinal denominada por Freud como a fase fálica, ou fase de organização genital infantil.

Freud (1923), em seu estudo "A organização Genital Infantil", retraça a evolução de seu pensamento. Como sabemos, os três ensaios sobre a teoria da sexualidade foram reformulados e neles inseridas suas novas descobertas. As três etapas nessa evolução são: na primeira (1905), opõem-se de maneira nítida, por um lado, a infância com a **sexualidade infantil**, e por outro, a **sexualidade adulta**, tal como se desenvolve a partir da puberdade. Na segunda etapa (1914-1915), são afirmadas as organizações pré-genitais: anal, oral – a unificação genital só se opera na puberdade.

Finalmente, em 1923, Freud descobre que convém aproximar ainda mais a sexualidade infantil da sexualidade adulta, no sentido de que existe desde a infância uma organização genital, um primado genital: tanto é que a sucessão das organizações

oral e anal culmina, desde a infância, num tipo de organização já muito próxima àquela do adulto.

Freud diz, em 1923:

*A característica principal dessa organização genital infantil é, ao mesmo tempo, o que a diferencia da organização genital definitiva do adulto. Ela reside em que, para os dois sexos, um só órgão genital, o órgão masculino desempenha um papel. Portanto, não existe um primado genital, mas um primado do **falo**. (p.180).*

Quando dizemos que o falo marca o corpo humano por sua presença ou sua ausência, estamos falando do seu valor simbólico. Na Antiguidade, o falo era precisamente a representação figurada e simbólica do órgão viril em ereção, separado do corpo, objeto de veneração, desempenhando um papel central, por exemplo, nos mistérios e nos ritos de iniciação. Por esse fato de ser representado como destacado do corpo, passamos de uma 'presença-ausência' puramente lógica, de uma oposição lógica 'fálico / não-fálico' a uma oposição, agora na vida pulsional, 'fálico / castrado'.

*[...] a fase fálica não é somente uma fase de teoria. Ela é uma fase de investigação, mas é também, uma fase de experiência – experiência mental, afetiva e pulsional. É precisamente essa experiência pulsional que designamos por complexo de castração. (Laplanche, 1988, p. 20)*

Segundo Green (1991),

*[...] negar a ameaça de castração é negar toda a organização do complexo de castração; é, portanto, ignorar o seu alcance estruturante, que obriga o sujeito a se colocar, como tal, frente a ele a afirmar as particularidades de sua identidade sexual frente a si mesmo e ao outro sexo. (p. 43).*

O estudo do Complexo de Castração é fundamental para entendermos as estruturas clínicas da neurose, da psicose e da perversão. Por trás de sintomatologias narcísicas, hipocondríacas, fóbicas, etc, podemos ver como se deu o desenvolvimento psicosexual, e como a castração e seus precursores (desmame e controle esfinterianos) foram vivenciados, pois sabemos que a sexualidade é a fonte primeira de investimento e que a proibição do incesto constitui a regra principal, tendo a castração numa posição organizadora: ela é o freio necessário para que o indivíduo e a sociedade sobrevivam e se desenvolvam.

---

### Referências bibliográficas

Birman, Joel & Nicéas, Augusto (1998). *A Ordem do Sexual*. Rio de Janeiro: Campus.

Freud, Sigmund (1900). *A Interpretação de Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, Sigmund (1905). *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, Sigmund (1909). *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, Sigmund (1923). *A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Green, André (1991). *O Complexo de Castração*. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, Jean (1988). *Problemáticas II: Castração – Simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes.